

A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E IMAGINATIVO DA CRIANÇA

Vanessa Lins Lemos¹

Aclene Luz²

Aliana Daveli de Oliveira³

Aline Cristiane Gomes Cunha⁴

Franciélen Braga Vainiarosk⁵

Sandra Maria Daveli Sampaio⁶

RESUMO: A contação de histórias constitui um recurso pedagógico fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Este estudo analisa a influência das narrativas orais no desenvolvimento cognitivo e imaginativo infantil, destacando sua contribuição para a formação do pensamento simbólico, para a ampliação do vocabulário e para o fortalecimento das habilidades socioemocionais. Por meio de revisão bibliográfica de natureza qualitativa, foram examinadas obras e artigos que discutem o papel da literatura e das narrativas na aprendizagem. Os resultados evidenciam que a contação de histórias potencializa a criatividade, favorece a compreensão do mundo e estimula processos mentais como memória, atenção e elaboração simbólica. Além disso, fortalece vínculos afetivos e contribui para a formação emocional das crianças, ao oferecer modelos simbólicos que auxiliam na interpretação de experiências e na construção da identidade. O estudo reforça a importância de integrar a narrativa oral ao cotidiano escolar de forma intencional, articulando-a com os fundamentos da Educação Infantil e com práticas pedagógicas humanizadas. Defende-se, ainda, a valorização de espaços, materiais e formações docentes que ampliem as possibilidades de uso da literatura como ferramenta indispensável para uma aprendizagem significativa e integral.

4489

Palavras-chave: Contação de histórias. Desenvolvimento cognitivo. Imaginação. Educação infantil. Linguagem.

¹Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Chistian Business School; Pedagoga; Especialista em Pedagogia Empresarial; Psicopedagogia Institucional e Orientação Escolar.

² Mestranda em Ciências da Educação pela Chistian Business School; Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia, AEE – Atendimento Educacional Especializado; Neuropsicopedagogia institucional e clínica; Gestão, Orientação, Supervisão Educacional com Ênfase em Psicologia.

³ Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Chistian Business School; Especialista em AEE- Atendimento Educacional Especializado e Sala de Recursos Multifuncionais; Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Tangará da Serra – UNISERRA.

⁴Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Chistian Business School; Graduada em Matemática e Pedagogia; Especialista em Metodologia do Ensino Superior, Atendimento Educacional Especializado e Gestão Educacional.

⁵ Bacharel em Direito pela Faculdades Associadas de Ariquemes - FAAR; Pós Graduada em Didática, Metodologia do Ensino Superior e Inovações Curriculares pelo Centro Universitário de Santo André - UNIA.

⁶Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Chistian Business School; com Licenciatura em Matemática; Pedagogia e em Educação Especial; Especialista em Educação Matemática com ênfase em Matemática Financeira; Especialista em Gestão Escolar (Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção); Especialista em Pedagogia Empresarial, Educação Especial e Inclusão.

ABSTRACT: Storytelling, an ancestral practice present in various cultures, resource in early childhood education. This study examines the influence of oral narratives on children's cognitive and imaginative development, emphasizing their role in the formation of symbolic thinking, vocabulary expansion, and socio-emotional growth. Through a qualitative literature review, books, articles, and pedagogical documents addressing storytelling as an educational practice were analyzed. The findings indicate that storytelling enhances creativity, strengthens mental processes such as memory and attention, and fosters imaginative elaboration. Additionally, it promotes affective bonds and contributes to children's emotional development by offering symbolic models that help them interpret experiences and construct their identities. The study underscores the importance of integrating storytelling into daily school practices in an intentional and continuous manner, aligning it with the fundamental principles of Early Childhood Education and with humanized pedagogical methodologies. It also advocates for the expansion of educational spaces, materials, and teacher training initiatives that value literature as an essential tool for meaningful and holistic learning.

Keywords: Storytelling. Cognitive development. Imagination. Early childhood education. Language.

1. INTRODUÇÃO

A contação de histórias, prática ancestral presente em diversas culturas, consolidou-se ao longo do tempo como um instrumento pedagógico essencial no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo na educação infantil. Por meio das narrativas, a criança estabelece vínculos afetivos, amplia sua capacidade de interpretação do mundo e desenvolve diferentes formas de se expressar. Assim, o ato de contar histórias transcende o entretenimento, constituindo-se como recurso educativo que estimula múltiplas dimensões do desenvolvimento infantil (RIBEIRO, 2024).

Delimitando o tema, este estudo concentra-se na influência da contação de histórias especificamente no desenvolvimento cognitivo e imaginativo das crianças, investigando de que maneira essa prática contribui para a formação do pensamento simbólico, para a ampliação do vocabulário e para a construção de habilidades socioemocionais. O foco principal recai sobre a análise de como as narrativas podem potencializar a criatividade, favorecer a compreensão de mundo e estimular a interpretação crítica desde os primeiros anos da infância.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar o papel da contação de histórias no desenvolvimento cognitivo e imaginativo das crianças. Para isso, os objetivos específicos incluem: identificar as contribuições da narrativa oral para a ampliação da linguagem; compreender sua relação com a criatividade e o pensamento simbólico; e examinar os impactos dessa prática no desenvolvimento emocional e social na educação infantil.

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de fortalecer práticas pedagógicas que promovam aprendizagens significativas e integradas, especialmente em um contexto educacional que busca valorizar metodologias humanizadas e centradas na criança. Para o campo da Educação, a pesquisa contribui ao aprofundar a compreensão teórica e prática sobre um recurso fundamental no desenvolvimento infantil.

Em relação à metodologia, esta pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, fundamentada em autores que discutem o papel das narrativas na aprendizagem. Foram analisadas obras, artigos científicos e documentos pedagógicos que abordam a contação de histórias como prática educativa, permitindo construir um panorama teórico consistente sobre seu impacto no desenvolvimento infantil. Não houve participação direta de sujeitos, uma vez que o estudo se baseia exclusivamente em material publicado.

Por fim, os resultados e discussões indicam que a contação de histórias exerce forte influência no desenvolvimento cognitivo, ampliando o repertório linguístico, fortalecendo processos mentais como memória e atenção, além de estimular a imaginação criadora. As análises também demonstram que essa prática favorece vínculos afetivos e contribui para a formação emocional das crianças. Como proposta, defende-se a ampliação de espaços e estratégias pedagógicas que valorizem a narrativa oral no cotidiano escolar, reconhecendo-a como ferramenta indispensável para a aprendizagem integral na educação infantil.

4491

2. OS FUNDAMENTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil constitui a base sobre a qual se estruturam todas as aprendizagens posteriores, sendo amplamente reconhecida como etapa determinante para o desenvolvimento integral da criança. Nos primeiros anos de vida, as experiências cotidianas contribuem decisivamente para a formação da identidade, da autonomia, dos vínculos afetivos e de um conjunto diversificado de competências cognitivas, sociais e emocionais. Nesse sentido, os fundamentos que orientam essa etapa visam assegurar práticas pedagógicas que respeitem as singularidades da infância e favoreçam seu desenvolvimento pleno (DUARTE; MOTA, 2021).

Entre esses fundamentos, destaca-se a concepção contemporânea de criança como sujeito ativo, competente e protagonista do próprio processo de aprendizagem. A construção do conhecimento decorre da interação com o ambiente, das experiências sensoriais, da imaginação, da brincadeira e das relações estabelecidas com pares e adultos. Essa perspectiva rompe com modelos pedagógicos tradicionais, centrados na transmissão de conteúdos, ao privilegiar

metodologias investigativas que estimulam a curiosidade, o diálogo e a autonomia (RIBEIRO, 2024).

A brincadeira, compreendida como linguagem principal da infância, constitui um eixo estruturante da Educação Infantil. Por meio dela, a criança explora o mundo, expressa sentimentos, elabora hipóteses e desenvolve habilidades motoras e cognitivas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reafirma essa centralidade ao estabelecer direitos de aprendizagem como conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se que orientam práticas pedagógicas integradas e significativas (BNCC, 2017).

As interações qualificadas emergem, igualmente, como fundamento essencial. Por meio delas, constroem-se vínculos, ampliam-se repertórios comunicativos e consolidam-se aprendizagens sociais. O professor assume o papel de mediador sensível, responsável pela observação atenta das crianças, pela escuta ativa e pela organização de ambientes acolhedores e desafiadores. Tais relações fomentam o respeito, a cooperação e a empatia, contribuindo para uma cultura escolar humanizadora (OLIVEIRA, 2020).

Outro princípio basilar é a compreensão da indissociabilidade entre educar e cuidar. Atividades como higiene, alimentação, descanso e segurança transcendem a rotina operacional e tornam-se momentos educativos, nos quais se constroem sentidos e se fortalecem processos de subjetivação. Assim, o cuidado integra-se ao currículo como dimensão formativa indispensável (SILVA, 2019).

A organização intencional dos tempos, dos espaços e dos materiais pedagógicos também desempenha função estratégica. Ambientes planejados, seguros e esteticamente estimulantes ampliam a criatividade, a autonomia e as possibilidades exploratórias das crianças. O planejamento pedagógico, por sua vez, deve ser flexível, fundamentado na observação sistemática e orientado pelos direitos de aprendizagem, garantindo coerência entre objetivos, experiências propostas e avaliação (SANTOS, 2018).

Com a incorporação da Educação Infantil à BNCC, os campos de experiências tornaram-se referenciais estruturantes para os currículos: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações. Esses campos reconhecem a criança como sujeito cultural, produtor de sentidos e interpretações, e não como receptora passiva de informações. Entretanto, a normatização nacional também impõe desafios, como o risco de padronização excessiva que não considere as especificidades socioculturais dos diferentes

contextos educativos. A principal tarefa das instituições é, portanto, equilibrar diretrizes nacionais com autonomia pedagógica, assegurando práticas contextualizadas e sensíveis à diversidade (RIBEIRO, 2024).

A implementação efetiva desses fundamentos requer políticas consistentes de formação docente. A formação inicial e continuada precisa articular teoria e prática, contemplar o estudo do desenvolvimento infantil, das múltiplas linguagens da infância, das metodologias de registro pedagógico e da parceria com as famílias. A avaliação deve priorizar procedimentos qualitativos como portfólios, registros reflexivos e observações sistemáticas, capazes de respeitar o ritmo e a singularidade de cada criança (DA COSTA, 2019).

Além da formação, as condições estruturais das instituições determinam, em grande medida, a qualidade das experiências oferecidas. Relação adequada entre número de crianças e professores, infraestrutura apropriada, materiais acessíveis e tempo pedagógico qualificado são aspectos que influenciam o desenvolvimento infantil. É fundamental, ainda, que currículos e políticas educacionais evitem a instrumentalização da infância por metas de curto prazo, preservando o compromisso com o desenvolvimento integral (OLIVEIRA, 2020).

Nesse cenário, a Educação Infantil configura-se como espaço privilegiado para a construção da autonomia, da convivência, da identidade cultural e da participação ativa. O professor atua como mediador do processo educativo, promovendo experiências significativas que despertem o prazer em aprender e estabeleçam bases sólidas para a continuidade da escolarização. A parceria entre escola e família, conforme enfatiza Mena (2015), amplia possibilidades de desenvolvimento, pois a criança traz consigo, para a sala de aula, sua história e seu contexto sociocultural.

4493

2.1 O Desenvolvimento Cognitivo Infantil

O desenvolvimento cognitivo e a aquisição da linguagem são temas amplamente investigados, dada sua relevância para a compreensão dos processos de aprendizagem na infância. A linguagem verbal, embora altamente elaborada, constitui apenas uma das formas de comunicação humana e depende de formas mais elementares de interação presentes desde o início da vida. Assim, a compreensão do desenvolvimento linguístico exige considerar a evolução das estruturas cognitivas que lhe dão sustentação (DA COSTA, 2019).

As teorias cognitivistas entendem a linguagem como parte integrante do sistema cognitivo. No interacionismo piagetiano, a linguagem é concebida como forma de representação

que permite à criança evocar mentalmente objetos e eventos ausentes. A emergência dessa capacidade está vinculada à aquisição da constância do objeto e ao desenvolvimento de esquemas sensório-motores (DUARTE; MOTA, 2021).

A construção de novas estruturas cognitivas é contínua e emerge das interações com o meio. De acordo com Piaget (1970), o simbolismo resulta da evolução da inteligência pré-verbal, construída a partir das ações da criança sobre o ambiente. A linguagem, nesse sentido, deriva da interiorização de esquemas motores e cognitivos. Para o autor, o desenvolvimento implica a atuação simultânea da assimilação e da acomodação. A assimilação integra novos elementos às estruturas já existentes, enquanto a acomodação modifica tais estruturas para incluir novos estímulos. A equilibrção, processo dinâmico que regula o equilíbrio entre esses dois mecanismos constitui o motor do desenvolvimento cognitivo. A predominância isolada de um dos mecanismos compromete a formação dos esquemas.

A aquisição da linguagem na teoria piagetiana está ligada à interiorização de esquemas e ao desenvolvimento da função simbólica. O brincar simbólico, que surge por volta dos dois anos, constitui marco fundamental desse processo ao permitir a representação de eventos ausentes. À medida que a função simbólica se complexifica, a criança passa a utilizar a linguagem para generalizar experiências e organizar conceitos (OLIVEIRA, 2020).

4494

Ainda, Ribeiro (2024) argumenta que novas formas de ação se organizam a partir de estruturas anteriores, integrando sistemas mais complexos ao longo do desenvolvimento. Os estudos de Piaget foram fundamentais para compreender tais processos. Assim, ao investigar a gênese do conhecimento, a Epistemologia Genética forneceu bases científicas sólidas para a análise da constituição das estruturas cognitivas. O avanço cognitivo organiza-se em estágios sucessivos: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. Nos primeiros anos de vida destacam-se os dois primeiros.

Melo (2025) reforça que a passagem do egocentrismo para o pensamento lógico, característica do desenvolvimento intelectual, relaciona-se ao processo de socialização da linguagem, no qual significados se tornam compartilhados. Assim, a aquisição da linguagem e o desenvolvimento cognitivo são fenômenos interdependentes, que se constroem na interação com o meio físico, social e cultural.

2.2 O Desenvolvimento Imaginativo Infantil

A imaginação mobilizada pela Literatura Infantil desempenha papel decisivo no desenvolvimento das crianças, sobretudo em suas primeiras experiências escolares. Quando valorizada e explorada de forma intencional, a literatura enriquece significativamente o processo educativo. A imaginação constitui uma constante ao longo da vida, sendo necessário estimular a fantasia e aprender com as experiências de outras pessoas. Essa compreensão evidencia que a literatura não é apenas um recurso pedagógico, mas parte estruturante da experiência humana, pois nos convida continuamente a imaginar, criar e reconstruir sentidos (MELO, 2025).

A leitura literária desperta a capacidade de elaborar novos finais para histórias, inventar personagens capazes de solucionar conflitos narrativos e até conceber enredos totalmente novos com base nas narrativas ouvidas ou lidas. O desenvolvimento dessa capacidade imaginativa resulta do acúmulo de vivências que alimentam a memória e fornecem material simbólico para a criação. Vygotsky (2012) observa que a imaginação infantil difere da adulta porque as crianças ainda estão construindo seu repertório de experiências, enquanto os adultos acumulam vivências variadas que ampliam seu potencial imaginativo.

Reconhecer a importância da imaginação no desenvolvimento infantil implica promovê-la de forma ativa. Freitas (2019) ressaltam que as crianças, ao ouvirem histórias, percebem detalhes frequentemente despercebidos pelo narrador. Segundo o autor, elas acrescentam detalhes, personagens ou lembram de fatos que passaram despercebidos pelo contador. Esse comportamento revela que as crianças não apenas escutam a narrativa, mas mergulham profundamente nela, demonstrando um nível de engajamento que impulsiona sua criatividade e expansão imaginativa.

A diferença entre a imersão infantil e a adulta nas narrativas é destacada por Vygotsky (2012), ao afirmar que os interesses das crianças são mais simples e diretos, e que sua relação com o contexto é menos complexa do que a dos adultos. Isso significa que a imaginação infantil depende fortemente do contato contínuo com novas experiências, histórias e conhecimentos. Quanto maior a variedade de estímulos recebidos, maior será a riqueza e a vitalidade de sua imaginação.

Embora Vygotsky (2012) destaque a limitação da imaginação infantil em função da menor diversidade de vivências, ele reconhece que as crianças, mesmo no início da escolarização, já possuem algum conhecimento sobre o mundo. Duarte e Mota (2021) reforçam

que essa fase é marcada por inúmeras possibilidades, nas quais a criança transita entre o real e o imaginário graças ao potencial criativo que a literatura lhe oferece. Assim, a leitura se torna ponte essencial entre ambos, permitindo experiências simbólicas fundamentais.

A Literatura Infantil amplia o repertório cultural, transporta as crianças a outros cenários, apresenta personagens variados e oferece modelos de conduta, emoções e valores. Ribeiro (2024) destaca que o contato precoce com livros favorece o alargamento da capacidade imaginativa e simbólica, alimenta o intelecto, favorece a apreensão das estruturas narrativas e das convenções literárias, criando o gosto pela leitura. Desse modo, cabe ao professor integrar histórias, contos maravilhosos, poemas, fábulas e narrativas regionais ao cotidiano escolar, promovendo discussões e atividades que estimulem a expressão da imaginação.

O estímulo à expressão criativa é fundamental para acompanhar o desenvolvimento da imaginação. Vygotsky (2012) salienta que quanto mais a criança viu, ouviu e experimentou, mais sabe e assimila, reforçando que um repertório ampliado potencializa a atividade imaginativa. A expansão das experiências permite que a criança transforme desejos e ideias em produções simbólicas, mesmo que distintas da realidade concreta.

As histórias infantis têm o poder de transportar o leitor para universos fictícios, onde seres fantásticos convivem com conflitos e desafios que espelham questões humanas. Por meio de narrativas como João e Maria, as crianças refletem sobre confiança, abandono e coragem; em Branca de Neve, compreendem temas como amizade, bondade e perigo; no Patinho Feio, discutem pertencimento, empatia e aceitação. Além dos contos maravilhosos de tradição europeia, as lendas do folclore brasileiro também desempenham papel relevante, pois apresentam saberes regionais, ampliam o repertório cultural e fortalecem a identidade nacional. Essas narrativas fornecem modelos simbólicos que auxiliam as crianças a interpretar suas próprias vivências e conflitos, ao mesmo tempo em que estimulam a imaginação para pensar soluções pessoais. A valorização das histórias regionais e das lendas folclóricas é fundamental, mas requer cuidado pedagógico (DUARTE; MOTA (2021)

Truccolo *et al.* (2023) utiliza a metáfora do rio para explicar o funcionamento da imaginação: ao lançar uma pedra, ondas se formam e se expandem, alterando o fluxo da água. Do mesmo modo, ao ouvir uma história, cada palavra gera ondas de sentidos, despertando lembranças, sonhos, dúvidas e associações. Vygotsky (2012, p. 32) complementa afirmando que quanto mais rica for a experiência humana, mais abundante será a matéria disponível para a

imaginação. Assim, a imaginação depende de estímulo contínuo e de experiências diversificadas, pois não é possível imaginar aquilo com que nunca se teve contato.

Dessa forma, a literatura, seja por meio dos contos maravilhosos, das narrativas contemporâneas ou das lendas folclóricas, constitui elemento essencial no desenvolvimento da imaginação, preparando as crianças para compreender o mundo, interpretar emoções e criar novas possibilidades. Essa reflexão dialoga diretamente com o próximo tópico, que aborda a expressão emocional e a empatia na Literatura Infantil, ampliando a discussão sobre o papel formativo das narrativas na infância (OLIVEIRA, 2020).

2.3 O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E COMPREENSÃO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Assim como discutido anteriormente sobre o papel da Literatura Infantil no desenvolvimento da expressão emocional e da empatia, é igualmente relevante analisar sua contribuição para a formação da linguagem e para a compreensão de mundo pela criança. A escola frequentemente limita o ensino da leitura ao conteúdo dos livros didáticos, o que é reforçado por Freitas (2019), ao afirmar que, na maioria das vezes, o conceito de leitura está relacionado com a decifração dos códigos linguísticos e sua aprendizagem. Tal perspectiva evidencia que muitas instituições educacionais ainda vinculam a formação do leitor exclusivamente ao domínio técnico da leitura, negligenciando outras formas de literatura, como os contos infantis, que ampliam a linguagem, a imaginação e a capacidade interpretativa.

4497

Considerando essa limitação, torna-se necessário repensar as metodologias de ensino da leitura, buscando estratégias que ampliem a experiência literária para além dos conteúdos programáticos. Truccolo *et al.* (2023) não apenas destaca a importância da formação do leitor e da compreensão textual, mas também contextualiza historicamente a evolução dos livros e das formas de expressão humana, mostrando que tanto a infância quanto os materiais destinados a ela passaram por transformações significativas até alcançarem o formato acessível que conhecemos hoje. Essa contextualização nos convida a refletir sobre o desenvolvimento da linguagem na infância, processo que, embora pareça simples aos adultos, é complexo e gradual para as crianças.

Na Educação Infantil, muitas crianças ainda não estão alfabetizadas; por isso, o uso de livros ilustrados é fundamental. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece, entre os direitos de aprendizagem dessa etapa, o direito a explorar, o que inclui o acesso a palavras, emoções, histórias, cultura e diferentes manifestações humanas (BRASIL, 2018). Dessa forma,

é imprescindível que os educadores apresentem livros que combinem imagens e palavras, permitindo que as crianças compreendam como a linguagem escrita se organiza e identifiquem sua presença no cotidiano.

Os livros ilustrados possibilitam que as crianças criem narrativas próprias a partir das imagens, como aponta Mena (2015), ao afirmar que, mesmo antes de saber ler, a criança dá asas à imaginação, inventando as histórias que a narrativa visual lhe sugere. Essas narrativas, embora diferentes da história original, são expressões legítimas da compreensão e da imaginação infantil. Paralelamente, é importante destacar que a linguagem oral é o primeiro sistema linguístico desenvolvido pela criança, e sua evolução depende da mediação do educador, que deve promover conversas, debates e compartilhamento de ideias a partir das histórias lidas.

A BNCC enfatiza, ainda, a importância da mediação do professor na interação da criança com os livros, afirmando que “as experiências com a Literatura Infantil contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo (Brasil, 2017, p. 42). Assim, experiências literárias adequadas à faixa etária favorecem o desenvolvimento da criatividade, do pensamento narrativo, da comunicação e da compreensão do ambiente ao redor.

Uma prática eficaz para o desenvolvimento da linguagem oral é o reconto de histórias, 4498
que permite à criança reorganizar o enredo de acordo com sua compreensão e interpretação. Crianças expostas precocemente à leitura tendem a desenvolver um vocabulário mais amplo e maior habilidade comunicativa, como demonstra Freitas (2019). Segundo o autor, o leitor proficiente desenvolve um repertório linguístico enriquecido, maior capacidade argumentativa e habilidade para correlacionar informações, características essenciais para a formação de um sujeito crítico e participativo na sociedade.

Freitas (2019) destaca que muitos brasileiros, embora alfabetizados, são considerados analfabetos funcionais, pois não conseguem compreender o que leem. Esse dado reforça a necessidade de trabalhar a leitura de maneira significativa desde os primeiros anos escolares, explorando diferentes gêneros textuais e incentivando discussões que permitam às crianças expressar suas ideias. Embora, na Educação Infantil, o desenho seja uma forma recorrente de expressão, é fundamental que, ao longo da trajetória escolar, as crianças tenham acesso a múltiplas formas de linguagem presentes na literatura, poemas, cartas, tirinhas, músicas, textos narrativos, entre outros.

Em síntese, é imprescindível que a escola, articulada com o trabalho pedagógico do educador, crie condições para que as crianças estabeleçam uma relação significativa com as obras literárias. Isso envolve a criação de ambientes acolhedores, a oferta de acervos diversificados e, sobretudo, a mediação sensível e intencional do professor, que favoreça a fruição estética, o encantamento e o desenvolvimento do pensamento crítico. Ao vivenciarem experiências literárias ricas e variadas, os estudantes ampliam suas capacidades linguísticas, cognitivas e afetivas, fortalecendo sua compreensão crítica e sensível do mundo (DA COSTA, 2019).

2.4 A mediação do professor na experiência literária

A Literatura Infantil desempenha um papel essencial no desenvolvimento integral da criança, mas sua eficácia depende diretamente da mediação exercida pelo professor. Para que o envolvimento das crianças com a leitura se consolide, é necessário compreender como o educador pode favorecer experiências significativas desde o primeiro contato com os livros, despertando imaginação, criatividade e senso crítico. A escola, enquanto espaço privilegiado de acesso à cultura escrita, torna-se o ambiente onde muitos alunos vivenciam suas primeiras experiências literárias, o que exige planejamento intencional e práticas pedagógicas sensíveis (OLIVEIRA, 2020).

4499

Nesse sentido, Truccolo et al. (2023) ressaltam que, além de transmitir conteúdos didáticos e valores morais, a Literatura Infantil desperta prazer, emoção e pensamento crítico, permitindo que a criança compreenda a si mesma, o espaço que ocupa e os aspectos sociais que a cercam. Essa perspectiva é reforçada por Freitas (2019), ao afirmar que o ato de ler ultrapassa a decodificação de palavras, envolvendo imaginação, reflexão e a construção de pontes entre fantasia e realidade. Assim, os livros infantis tornam-se instrumentos fundamentais para favorecer o desenvolvimento emocional, cognitivo e social, enriquecendo as vivências escolares.

Considerando esse potencial formativo, destaca-se a importância do professor como mediador qualificado. É o educador quem cria condições para que os alunos se aproximem da literatura de forma prazerosa e crítica, promovendo interações que valorizam suas experiências e ampliam horizontes. Gonçalves e Costa (2018) enfatizam que o adulto mediador deve incentivar a relação da criança com o livro, pois tal estímulo contribui significativamente para a construção da personalidade infantil e para a formação de futuros leitores literários. Dessa forma, no início do processo de alfabetização, a presença de um adulto que valorize a leitura e demonstre encantamento pelos livros é imprescindível.

Além da ação do professor, a participação da família também tem grande relevância. Assim, o professor emerge como o principal agente de incentivo à leitura, e a escola deve oferecer suporte adequado para que ele desenvolva seu trabalho. Mena (2015) destaca que a instituição escolar precisa proporcionar experiências que favoreçam tanto o desenvolvimento emocional quanto o desempenho acadêmico, fortalecendo a parceria entre professor e escola. Isso envolve a organização de espaços acolhedores, seleção criteriosa de obras e planejamento de momentos de leitura que despertem curiosidade e envolvimento.

Nesse processo, Ribeiro (2024) afirma que é necessário motivar os alunos para que compreendam as múltiplas razões para ler: buscar informações, receber instruções, entreter-se, comunicar-se, compreender o mundo e estabelecer diálogos significativos sobre suas percepções internas e externas. A leitura, portanto, amplia repertórios e desenvolve capacidades argumentativas fundamentais para a formação cidadã.

Contudo, para que esses benefícios se concretizem, a mediação docente é indispensável. Sem orientação, a criança pode não explorar plenamente o potencial da literatura. Cabe ao educador criar situações que estimulem a interpretação, o debate, a produção criativa e a reflexão. Essas práticas contribuem para a formação de leitores críticos, capazes de posicionar-se diante de diferentes situações e temáticas, desempenhando um papel ativo na sociedade (DUARTE; MOTA, 2021).

4500

2.5 A Ludicidade e a Aprendizagem na Educação Infantil

A ludicidade na educação refere-se a todas as formas de aprendizagem construídas por meio de experiências prazerosas, criativas e significativas. Embora possa estar presente em diferentes etapas da escolarização, é na Educação Infantil que ela se manifesta com maior intensidade, pois a criança compreende o mundo, experimenta sensações e atribui sentido às suas vivências de maneira essencialmente lúdica. Nesse contexto, o brincar deixa de ser apenas uma atividade espontânea e passa a assumir papel central no processo educativo (RIBEIRO, 2024).

O lúdico revela-se, portanto, como uma forma de expressão, criação e construção de saberes, capaz de conectar os interesses da criança às possibilidades pedagógicas oferecidas pelo professor. Assim, ao brincar, o aluno transforma experiências em conhecimento, ressignifica situações do cotidiano e desenvolve competências que extrapolam os conteúdos escolares. A aprendizagem se torna mais viva e memorável quando mediada pela ludicidade, especialmente

na primeira infância, fase marcada por intensas descobertas sobre si mesma e sobre o meio que a cerca. Vivências lúdicas despertam curiosidade, motivam a participação ativa e aproximam a escola do universo infantil (OLIVEIRA, 2020).

O caráter multifacetado do lúdico permite que ele contribua simultaneamente para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Ao participar de brincadeiras e jogos, a criança exercita a imaginação, amplia a criatividade, interage com os colegas e elabora significados sobre o mundo. Segundo Mena (2015), o brincar é uma prática viva e em constante transformação, que se adapta aos diferentes contextos sociais, culturais e históricos. Essa plasticidade torna a ludicidade especialmente rica, pois permite que cada grupo infantil ressignifique suas brincadeiras e crie novas formas de interação.

Historicamente, o valor pedagógico do brincar nem sempre foi reconhecido. Durante muito tempo, considerou-se que a ludicidade fazia parte apenas do universo natural da criança, sem relevância para o processo de ensino. No entanto, estudos sobre o desenvolvimento infantil evidenciam que, por meio das brincadeiras, a criança constrói sua identidade, organiza seu pensamento e utiliza estratégias comportamentais próprias de cada fase da vida. O professor, nesse cenário, torna-se mediador fundamental, responsável por proporcionar situações lúdicas que ampliem as experiências infantis e favoreçam aprendizagens significativas (SILVA, 2019).

4501

Apesar do avanço teórico, ainda existem práticas escolares que reduzem o papel da ludicidade, perpetuando modelos pedagógicos centrados na transmissão de conteúdos e na passividade dos alunos. Essa perspectiva desconsidera o protagonismo infantil e limita o potencial criativo e expressivo das crianças. Em contraste, atividades lúdicas bem planejadas possibilitam a construção coletiva de significados, a expressão de emoções, o desenvolvimento da linguagem, a convivência e a elaboração de valores sociais (DUARTE; MOTA, 2021).

Um exemplo marcante é o das dramatizações espontâneas, quando a criança interpreta personagens e recria situações familiares, transformando suas vivências em narrativas simbólicas. Nessas brincadeiras, ela incorpora elementos afetivos e culturais, manifesta emoções e representa o mundo que conhece. Ao mesmo tempo, o lúdico promove interação e colaboração, permitindo que cada criança contribua com sua singularidade, sem apagar suas diferenças. Assim, o aprendizado se torna verdadeiramente compartilhado, construído no encontro entre experiências pessoais e o imaginário coletivo (OLIVEIRA, 2020).

2.6 Breve Visão Histórica Sobre a Contação de Histórias

Segundo Ribeiro (2024), a contação de histórias constitui um dos mais antigos recursos de transmissão cultural da humanidade. Desde os primeiros agrupamentos humanos, essa prática serviu como meio de compartilhar experiências, relatar acontecimentos e preservar memórias coletivas. Conforme destaca a autora, o ser humano sempre buscou formas de registrar sua existência seja por meio da narração oral, da escrita ou de desenhos garantindo que seus saberes alcançassem as gerações seguintes (SILVA, 2019).

Evidências arqueológicas reforçam essa compreensão ao revelar registros datados de aproximadamente 12 a 15 mil anos, nos quais povos ancestrais representavam cenas de seu cotidiano e narravam fatos de sua época. Muitas dessas narrativas eram compartilhadas em grupos, geralmente ao redor de fogueiras, onde a oralidade se tornava um importante instrumento de união social. Essa tradição simbólica permanece viva, ainda que ressignificada, nas rodas de leitura e de contação de histórias que hoje ocorrem nas escolas, mantendo o espírito coletivo dessa prática milenar (TRUCCOLO *et. al*, 2023).

Historicamente, porém, a infância nem sempre recebeu a atenção que possui atualmente. Até o século XVIII, predominava a concepção de que as crianças eram “pequenos adultos”, desconsiderando-se suas particularidades cognitivas, emocionais e sociais. Como consequência, não havia brinquedos específicos, roupas adequadas à idade nem produções literárias destinadas ao público infantil (SILVA, 2019).

4502

Esse cenário começou a transformar-se com o fortalecimento da burguesia no século XVIII, período em que a criança passou a ser reconhecida como sujeito em desenvolvimento, dotado de necessidades e ritmos próprios de aprendizagem. A literatura infantil, embora tenha surgido ainda no século XVII com as obras de Fénelon, ganhou força nesse contexto. Segundo Silva (2009), sua função inicial era essencialmente moralizadora, voltada para a formação de valores e comportamentos (DUARTE; MOTA, 2021).

Assim, a contação de histórias acompanhou as mudanças sociais, culturais e pedagógicas ao longo dos séculos, consolidando-se como uma prática educativa que ultrapassa a simples transmissão de narrativas. Hoje, constitui um recurso fundamental na educação infantil, promovendo o desenvolvimento da imaginação, da linguagem, das emoções e da convivência social. Essa evolução demonstra que contar histórias é, simultaneamente, preservar tradições e renovar modos de aprender e ensinar (MELO, 2025).

2.5 A Contação de Histórias Como Prática Educativa

Na contemporaneidade, a literatura tem gradualmente perdido espaço no ambiente educacional, especialmente diante do avanço das redes sociais, das tecnologias digitais e da predominância de narrativas audiovisuais. Esses recursos, amplamente consumidos pelo público infantil, acabam muitas vezes substituindo o contato com o livro e com a oralidade, elementos fundamentais para o desenvolvimento global da criança. Nesse cenário, a contação de histórias, frequentemente tratada como um simples momento de descontração, revela-se, na verdade, uma prática pedagógica indispensável ao processo de ensino-aprendizagem (RIBEIRO, 2024).

A literatura oferece um vasto campo de possibilidades educativas, permitindo trabalhar a imaginação, o pensamento crítico, a cultura, a comunicação, os elementos pré-alfabetizadores, como sons e cores, além das emoções e dos conflitos internos. Por meio das narrativas, a criança é convidada a explorar mundos desconhecidos, compreender diferentes modos de existência e vivenciar experiências simbólicas que favorecem a construção de valores e sensibilidades humanas. Assim, o livro deixa de ser apenas um objeto e transforma-se em um instrumento de formação integral (MELO, 2025).

Além de estimular a ludicidade, a literatura contribui significativamente para a ampliação do vocabulário e para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. O contato com novas palavras, estruturas textuais e expressões é ampliado pela mediação do professor-narrador, que apresenta novas formas de comunicação e expressão. Desse modo, a contação de histórias não só fortalece vínculos com a cultura e com o imaginário, como também potencializa o desenvolvimento da consciência e das dimensões subjetivas da criança.

Ao ouvir uma história, a criança estabelece contato com valores, saberes e experiências acumuladas ao longo do tempo. A narrativa permite uma transição simbólica entre o mundo real e o imaginário, oferecendo uma forma de expressão emocional segura e enriquecedora. O encantamento provocado pelas histórias desperta desejos de explorar, conhecer e compreender, como enfatiza Ribeiro (2024), ao destacar o papel do maravilhoso e do faz de conta na construção das experiências infantis.

Nesse universo simbólico, a criança vivencia emoções diversas, alegria, medo, surpresa, tristeza e, por meio delas, constrói seu repertório emocional e cognitivo. Cada ouvinte interpreta a narrativa à sua maneira, revelando a singularidade das experiências que emergem durante a contação. Portanto, cabe ao professor, em parceria com a família, inserir a criança nesse

universo literário rico e plural. Mesmo quando não há acompanhamento familiar, a escola deve assumir o compromisso de promover o hábito da leitura, incentivando o encantamento pelo livro desde os primeiros anos (TRUCCOLO *et. al*, 2023).

Silva (2019) explica que o papel do narrador é fundamental nesse processo. A criança, naturalmente curiosa, envolve-se mais facilmente quando a história é apresentada de forma expressiva, com uso de entonação, gestos, pausas e recursos visuais, como fantoches e ilustrações. Por isso, espaços e projetos voltados à leitura, como cantinhos literários e atividades específicas de contação, têm ganhado destaque nas instituições de ensino. Entretanto, contar histórias vai além da leitura em voz alta: exige criar um ambiente de emoções e descobertas compartilhadas, no qual cada criança se sinta parte da narrativa.

Do ponto de vista cognitivo, a literatura é igualmente relevante. Ao acompanhar uma história, a criança constrói mentalmente imagens, cenários e situações, ativando a imaginação e o pensamento simbólico. Esse processo favorece a compreensão do mundo social, dos conflitos humanos e das relações que o permeiam. Como afirma Mena (2015), o contato com os livros na infância influencia profundamente a formação do leitor e amplia sua visão de mundo, contribuindo para escolhas mais conscientes na vida adulta. Assim, o universo literário pode tornar-se um ambiente transformador, especialmente quando o incentivo ocorre desde a primeira infância. Experiências prazerosas com histórias na infância tendem a formar leitores críticos, sensíveis e curiosos. Dessa maneira, contar histórias não é apenas um ato educativo, mas uma prática capaz de tocar profundamente a imaginação, a identidade e as emoções das crianças, contribuindo para seu desenvolvimento integral.

4504

3 METODOLOGIA

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, entendida como o caminho que orienta o pensamento e a prática investigativa, permitindo compreender significados, percepções e práticas presentes no contexto estudado. Essa abordagem mostrou-se adequada para analisar, em profundidade, o uso da literatura infantil no cotidiano escolar.

Quanto aos objetivos, o estudo é exploratório e descritivo. A vertente exploratória possibilitou maior familiaridade com o fenômeno, contribuindo para delimitar o objeto e identificar elementos essenciais sobre a função da literatura infantil na Educação Infantil. Já a dimensão descritiva permitiu observar e registrar, de forma sistemática, as práticas docentes, as estratégias de mediação e as contribuições das narrativas para o desenvolvimento das crianças.

A investigação também incorporou uma revisão bibliográfica, baseada na análise de livros, artigos e estudos especializados, que subsidiou o referencial teórico e a compreensão das relações entre literatura infantil, aprendizagem e desenvolvimento. A análise dos dados foi realizada por meio de leitura interpretativa, articulando as evidências encontradas com os referenciais teóricos, de modo a assegurar rigor e coerência ao processo investigativo.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

A análise realizada evidencia que a Literatura Infantil desempenha papel central no processo de aprendizagem e no desenvolvimento integral das crianças, especialmente no que se refere à formação do leitor e ao estímulo do pensamento crítico. Santos (2018) aduz que ampliar horizontes e favorecer a interação social, a literatura contribui para que a criança compreenda a si mesma, interprete o mundo ao seu redor e lide com diferentes situações do cotidiano. No entanto, no ambiente escolar, emerge o desafio de verificar como essas práticas têm sido conduzidas e se, de fato, os objetivos pedagógicos estão sendo alcançados.

Ribeiro (2024) aponta que muitos estudantes, apesar do contato frequente com textos, apresentam dificuldades de compreensão, restringindo-se à decodificação das palavras. Essa constatação reforça a necessidade de revisão das práticas pedagógicas, de modo que o professor adote metodologias que promovam não apenas a leitura, mas a compreensão, a interpretação e a atribuição de sentidos aos textos, sejam eles literários ou provenientes de materiais didáticos. A compreensão de que ler e escrever não correspondem automaticamente à capacidade de interpretar é especialmente relevante na Educação Infantil, etapa em que a criança se encontra em processo inicial de alfabetização e construção de significados.

4505

A literatura, seja em forma de contos, poemas, fábulas ou narrativas diversas, constitui um recurso privilegiado para despertar o interesse pela leitura e para ampliar repertórios culturais. Como afirmam Gonçalves e Costa (2018), ao ouvir histórias, as crianças entram em contato com conhecimentos de diferentes áreas, muitas vezes sem perceber que temas ligados à geografia, filosofia, política ou sociologia estão sendo apresentados no enredo. Assim, a Literatura Infantil revela-se interdisciplinar e favorece aprendizagens significativas.

Para que o ato de ler e ouvir histórias seja efetivo, é indispensável que a criança compreenda os sentidos presentes na narrativa. Melo (2025) destaca que decodificar letras sem apreender a mensagem não caracteriza o sujeito como leitor pleno. Dessa forma, a literatura deve ser explorada de maneira reflexiva, estimulando questionamentos, interpretações e

argumentações. Projetos de leitura e sequências didáticas, contribuem para a definição de objetivos claros, estratégias adequadas e critérios de avaliação que contemplem oralidade, escrita e compreensão.

O planejamento docente, portanto, deve fundamentar-se em diagnósticos que revelem o nível de conhecimento da turma. A partir dessa análise, rodas de conversa, atividades de interpretação e registros diversificados permitem acompanhar avanços e dificuldades. A escolha dos livros também se mostra determinante. É imprescindível que o professor conheça previamente as obras, identifique seus potenciais pedagógicos e considere os interesses e necessidades da turma, ampliando gradualmente a complexidade dos textos conforme o desenvolvimento das crianças.

Silva (2019) ressalta que, embora a literatura faça parte do cotidiano escolar, muitas vezes os livros são trabalhados de maneira mecânica, sem atenção ao engajamento da turma. Assim, ouvir as crianças, valorizar suas preferências e permitir que expressem interpretações diversas são ações que fortalecem o vínculo com a leitura. O pensamento crítico pode ser desenvolvido quando o professor incentiva a reescrita de finais, a proposição de modificações e a construção de sentidos próprios sobre o enredo.

A literatura, ao transitar por diferentes áreas do conhecimento, admite múltiplas formas de abordagem. Durante a infância, esse recurso favorece o desenvolvimento da compreensão, da criatividade e da sensibilidade crítica. As histórias podem ser exploradas por meio da leitura, da contação, da dramatização ou de atividades lúdicas, ampliando as possibilidades de interação com o texto e tornando a experiência mais significativa. 4506

Os resultados também dialogam com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que destaca os cinco campos de experiências: “O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e formas”; “Escuta, fala, pensamento e imaginação”; e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. Cada um deles pode ser explorado por meio de práticas lúdicas e narrativas, estimulando criatividade, autonomia, expressão e imaginação, elementos essenciais na formação integral da criança pequena.

A ludicidade, nesse contexto, promove a expressão espontânea, fortalece vínculos sociais e possibilita vivências que marcam positivamente a trajetória escolar. A contação de histórias, em especial, destaca-se como prática pedagógica transformadora. Ao entrar em contato com narrativas, a criança ressignifica suas experiências, constrói mundos imaginários e exercita criatividade, sensibilidade e capacidade expressiva (SANTOS, 2018).

A literatura contribui ainda para o desenvolvimento cognitivo, ampliando vocabulário, fortalecendo memória e estimulando o pensamento lógico e simbólico. A interpretação de narrativas exige que a criança estabeleça relações, atribua sentidos e organize ideias, desenvolvendo habilidades fundamentais para etapas posteriores da escolarização. Do ponto de vista socioemocional, as histórias abordam sentimentos, conflitos e valores humanos, favorecendo reflexão e autoconhecimento.

Por fim, destaca-se o papel do educador enquanto mediador. Ao selecionar obras adequadas, utilizar recursos expressivos e criar um ambiente acolhedor, o professor desperta o prazer pela leitura e promove aprendizagens mais profundas. Dessa forma, a Literatura Infantil e a contação de histórias configuram-se como caminhos potentes para uma educação sensível, crítica e humanizadora, capaz de preparar as crianças para compreender o mundo, conviver em sociedade e atuar como leitoras autônomas e reflexivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises desenvolvidas ao longo deste estudo, torna-se evidente que a Literatura Infantil constitui um instrumento pedagógico privilegiado na Educação Infantil, contribuindo significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e cultural das crianças. Ao adentrar o universo narrativo, a criança amplia sua capacidade de imaginar, interpretar, sentir e dialogar, elementos essenciais para a formação de leitores competentes, críticos e sensíveis.

4507

Os resultados evidenciaram que o trabalho com a literatura vai muito além da simples leitura ou escuta de histórias. Quando mediada de forma intencional e reflexiva, a literatura promove aprendizagens profundas, estimula a criatividade, favorece a construção de sentidos e possibilita que a criança estabeleça relações entre o conteúdo dos textos e suas experiências cotidianas. Nesse sentido, práticas pedagógicas estruturadas como projetos de leitura, sequências didáticas e atividades lúdicas tornam-se fundamentais para garantir que a interação com o texto literário ocorra de maneira significativa.

Observou-se, contudo, que ainda existem desafios no processo de formação leitora. A dificuldade de compreensão textual apontada por diversos estudos reforça a necessidade de que os professores adotem metodologias que valorizem não apenas a decodificação, mas, sobretudo, a interpretação, a análise crítica e a participação ativa das crianças no processo de construção do conhecimento. Para isso, o papel do educador como mediador é indispensável: cabe a ele

selecionar obras adequadas, conhecer os interesses da turma, incentivar a expressão de ideias e criar um ambiente acolhedor, no qual a leitura seja compreendida como prática prazerosa e transformadora.

Além disso, constatou-se que a literatura contribui para o desenvolvimento integral, dialogando com os cinco campos de experiências da BNCC e possibilitando vivências que integram aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais. Ao proporcionar contato com narrativas diversificadas ilustradas, híbridas ou predominantemente textuais, a escola amplia o repertório cultural das crianças e fortalece sua autonomia, criatividade e sensibilidade.

Dessa forma, conclui-se que investir em práticas de leitura na Educação Infantil é promover uma educação humanizada, crítica e alinhada ao desenvolvimento pleno da criança. A literatura, quando trabalhada de maneira consciente e planejada, torna-se um caminho eficaz para a formação de leitores autônomos, capazes de interpretar o mundo, expressar-se com autenticidade e participar ativamente da vida em sociedade. Assim, reafirma-se a importância de que educadores, escolas e políticas públicas valorizem e fortaleçam o papel da literatura no contexto educacional, garantindo às crianças experiências ricas, significativas e transformadoras desde os primeiros anos de escolarização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. v. 3. Conhecimento de Mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.394%2C%20DE%2020%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201996&text=Estabelece%20as%20diretrize%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.>. Acesso em: 20 out. 2025.

_____. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 out. 2025.

_____. Ministério da Educação. O lugar do lúdico na Educação Infantil. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno->

depraticas/aprofundamentos/198-o-lugar-do-ludico-na-educacao-infantil>. Acesso em: 22 out. 2025.

DA COSTA, M. Metodologia do Ensino da Literatura Infantil. Curitiba: IBPEX, 2007. 170 p. DANTAS, Eva. A Contação de História na Educação Infantil e a formação de leitores. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: <<https://www.revistacapara.org/caparao/article/view/12/16>>. Acesso em: 29 out. 2025.

DUARTE, J. R; MOTA, E.A. O lúdico no processo de aprendizagem na educação infantil. Revista Educação Pública, v. 21, nº 15, 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/15/o-ludico-no-processo-de-aprendizagem-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 05 nov. 2025.

FREITAS, R. Sacola Literária: Prática do Incentivo à Leitura Literária na Educação Infantil. 2019. 45 f. (Pós-graduação Lato Sensu em Docência da Educação Básica-LASEB) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33271>>. Acesso em: 20 out. 2025.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONÇALVES, L.J.; COSTA, C.R. B. O brincar na educação infantil como um ato de aprendizagem. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 02, Vol. 01. 2018. ISSN:2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/brincar-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 02 nov. 2025.

4509

MELO, J.G.R.L. Reflexões sobre o desenvolvimento criativo, imaginativo e emocional das crianças por meio da Literatura Infantil: Um olhar para a realidade prática de uma escola pública municipal de Campo Maior-PI. 2025. 81f. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade Estadual do Piauí, Campus Heróis do Jenipapo, Campo Maior-PI, 2025. Disponível em: < <https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/2007>>. Acesso em: 15 nov. 2025.

MENA, J. Fundamentos na Educação Infantil: Ensinando Crianças em uma Sociedade Diversificada. Rio Grande do Sul: AMGH, 2015. 405 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71999/000880870.pdf?seque>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

OLIVEIRA, A.C.R. Contação de histórias como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades linguísticas de crianças. 2020. Disponível em: < <https://repositorio.fps.edu.br/handle/4861/422>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PIAGET, J. A Construção do Real na Criança. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

PIAGET, J. O nascimento da inteligência na criança. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RIBEIRO, S.B. Contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança na educação infantil. 2024. <<https://repositorio.ueg.br/jspui/bitstream/riueg/6382/2/MG37%20-%200625-2024.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SANTOS, R.M. A contação de histórias como instrumento de socialização na educação infantil. Lume. 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71970/000880723.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2025.

SILVA, A. Trajetória da Literatura infantil: da Origem Histórica e do Conceito Mercadológico ao Caráter Pedagógico na Atualidade. São Paulo, 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/NAULI/Downloads/234-1-759-1-10-20100625.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2025.

TRUCCOLO, A. B., MACHADO, N. B., QUINTANA, T. F. Contação de histórias como ferramenta de cuidado e comunicação afetiva com crianças no contexto da pandemia. 2023. OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA, 21(5), 2774-2788. Disponível em: <<https://doi.org/10.55905/oelv21n5-022>>. Acesso em: 12 out. 2025.

VYGOTSKY, L. S. Imaginação e Criatividade na Infância. Ensaio de Psicologia. Dinalivro. Tradução: João Pedro Fróis, 1º edição: Outubro de 2012.